

Ensino superior. Em carta, nova administração revela gravidade nas contas; Comissão de Orçamento tinha estimativa ainda mais drástica e previa fim de reserva em 1 ano, se gastos continuassem no ritmo da gestão Rodas. Instituição perde R\$ 1,3 bilhão de poupança

Reitor da USP expõe crise e diz que fundo de R\$ 2,3 bi acabaria em 2 anos

Barbara Ferreira Santos
Victor Vieira

ESTADÃO
edu

Após 90 dias à frente da Universidade de São Paulo (USP), o reitor Marco Antonio Zago enviou ontem uma carta a professores, funcionários e alunos da instituição para explicar a crise orçamentária. Conforme antecipado pelo portal estadao.com.br, Zago criticou a falta de transparência da gestão de João Grandino Rodas e afirmou que, desde 2012, a USP perdeu R\$ 1,3 bilhão de sua reserva. A “poupança” é usada para gastos que excedam o orçamento – no ano passado, o repasse total do governo do Estado foi de R\$ 4,35 bilhões.

Ao Estado, revelou, por e-mail, que, se os gastos continuassem no ritmo em que estavam e não houvesse uma “política responsável de austeridade”, a reserva “se esgotaria em um ano e meio ou, no máximo, em dois anos”.

O presidente da Comissão de Orçamento e Patrimônio da USP, o professor e diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP), Sigismundo Bialoskorski Neto, disse que a reserva se esgotaria em ainda menos tempo. “Em determinado momento, isso poderia acontecer no início do próximo ano. A universidade teria em torno de mais 12 ou 15 meses, até que estivesse em uma situação realmente complicada, sem esse fundo para contingência.”

Rodas foi procurado por e-mail e telefone durante a tarde de ontem, mas não respondeu aos pedidos de entrevista.

Zago afirmou na carta enviada à comunidade acadêmica que a reserva da USP passou de R\$ 3,61 bilhões, em junho de 2012, para R\$ 2,56 bilhões, no fim de 2013. Segundo ele, só nos três primeiros meses do ano, o valor teve ainda redução de R\$ 250 milhões, indo para R\$ 2,31 bilhões, “em função de compromissos assumidos anteriormente e só pagos em 2014”.

Em clara crítica à gestão anterior, Zago afirmou que, quando estava no cargo de pró-reitor de Pesquisa, durante a administração de Rodas, não tinha conhecimento sobre a situação orçamentária da instituição, “compartilhada por poucas pessoas”. Segundo ele, os pró-reitores não eram chamados para o planejamento financeiro. “Ca-



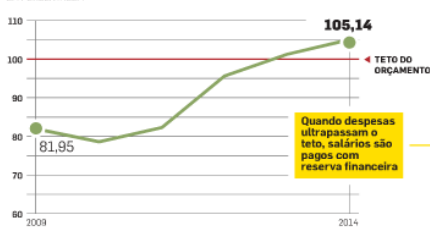
Gravidade. Só com a folha de pagamento, a instituição já compromete 105,14% do orçamento

SATURADO

● Desde, 2012, reserva da universidade caiu R\$ 1,3 bilhão

Comprometimento do orçamento com pessoal

EM PORCENTAGEM



FONTE: USP

Para associação de docentes, situação já era conhecida

● O presidente da Associação de Docentes da USP (Adusp), Ciro Correia, afirmou que o colapso financeiro da instituição durante a administração passada já era conhecido. “Tentamos alertar sobre esses problemas. Não se justifica a surpresa da atual ges-

ta um apresentava as propostas de programas específicos de sua área (graduação, pós-graduação, pesquisa, cultura e extensão)”, disse ao Estado.

Para ajustar o orçamento da universidade, Zago paralisou as contratações de pessoal – principal gargalo nas contas da USP – e as substituições de aposentados ou demitidos. Só com a folha de pagamento, a universidade tem 105,14% do orçamento comprometido atualmente.

tão com a situação da universidade”, criticou. A crise financeira da USP já é considerada a pior das últimas três décadas.

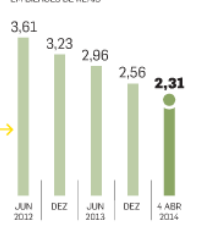
Correia ainda disse que a gestão do antigo reitor, João Grandino Rodas, foi marcada por baixa transparência e centralização nas decisões. Para o presidente da Adusp, a crise atual aponta para a necessidade de democratizar a gestão da USP. “Isso (esclarecer sobre as contas da USP) já é um passo, mas ainda

Gastos com investimentos e pesquisa também foram cortados. “Novas construções tiveram de ser suspensas, sem consideração de prioridade ou interesse acadêmico: simplesmente não há recursos para atender a novos prédios”, disse, em trecho da carta.

“Saúde”. Segundo Bialoskorski Neto, para o orçamento da universidade voltar a um nível saudável seria preciso também con-

Decréscimo da reserva financeira

EM BILHÕES DE REAIS



FONTE: USP

pequeno”, afirmou.

A especialista em autonomia universitária e professora da Faculdade de Direito da USP Nina Ranieri disse que as questões financeiras da instituição devem passar pela Comissão de Orçamento e Patrimônio e pelo Conselho Universitário. “Essas regras estão previstas no estatuto”, explicou ela, que considera importantes as manifestações do reitor sobre o orçamento apertado. / **B.F.S e V.V.**



NA WEB Especial. USP completou 80 anos em janeiro

estadao.com.br/usp80

* **ANÁLISE:** Carlos Ari Sundfeld

Governança interna simplesmente não está funcionando

A Universidade de São Paulo (USP) é uma entidade estadual e vive dos recursos públicos que recebe da lei orçamentária, proposta pelo governador e aprovada pela Assembleia Legislativa. Em atitude exemplar pela transparência, a nova administração acaba de informar à comunidade acadêmica: será preciso apertar violentamente os cintos. Como as despesas assumidas ultrapassaram a capacidade orçamentária, a solução é paralisar investimentos e contratações de pessoal, além de cortar despesas. É claro que os serviços serão afetados e o futuro é incerto.

A atual reitoria não tinha mesmo saída: em situações assim, a Lei de Responsabilidade Fiscal exige providências urgentes. O equilíbrio orçamentário é princípio fundamental de direito público. Esses gestores merecem apoio.

A crise da USP não pode ser atribuída ao Estado. Desde a década de 1980, as três universidades estaduais têm recebido um percentual fixo do orçamento. Isso permite que elas sejam autônomas e estáveis, programando-se no longo prazo – bem diferente do que ocorre com outros órgãos, que podem ser surpreendidos com cortes do orçamento.

A governança interna da USP simplesmente não está funcionando. Além de enfrentar a crise atual, é dever da universidade mudar radicalmente a governança, para impedir novos descontroles.

A autonomia, que a população não tem negado à USP, exige um controle mais responsável de seus recursos. É chocante constatar uma falha assim grave no autocontrole dessa sofisticada instituição. A comunidade universitária está em dívida com São Paulo e vai ter de pagá-la com ações consistentes de controle. Se não o fizer, o governo dispõe de um instrumento terrível, que terá de usar: a intervenção.

* É PROFESSOR DA DIREITO GV E PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIREITO PÚBLICO

dessa folha salarial para 85%, 87%, ao longo dos próximos dois anos, o que já começa a ser um patamar saudável. Mas depende das variáveis econômicas, uma vez que os salários não podem ser reajustados.”

Ele também disse que, na gestão anterior, o Conselho Universitário, órgão máximo da universidade, apenas acompanhava a aprovação da peça orçamentária do ano seguinte – e não a execução. “Nos últimos três me-

ses, o conselho aprova e acompanha os gastos.”

No fim da carta, o reitor admitiu que, se sua política de corte de investimentos e suspensão de contratações for “mantida por um longo prazo, poderá trazer enormes prejuízos para a instituição”. Zago afirmou, no entanto, que vai “atuar para minimizar os efeitos negativos dessas medidas, buscando atender às situações de maior emergência ou gravidade”.